



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**AS DINÂMICAS DE INSERÇÃO LABORAL E SOCIOCULTURAL DOS
MIGRANTES BRASILEIROS EM KOUROU/GUIANA FRANCESA**

Rafaely Figueiredo da Rocha

Macapá
2017

Rafaely Figueiredo da Rocha

**AS DINÂMICAS DE INSERÇÃO LABORAL E SOCIOCULTURAL DOS
MIGRANTES BRASILEIROS EM KOUROU/GUIANA FRANCESA**

**Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito para conclusão do curso de
Ciências Sociais da Universidade Federal do
Amapá.**

Orientador: Prof. Dr. Handerson Joseph

Macapá

2017

Rafaely Figueiredo da Rocha

**AS DINÂMICAS DE INSERÇÃO LABORAL E SOCIOCULTURAL DOS
MIGRANTES BRASILEIROS EM KOUROU/GUIANA FRANCESA**

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Handerson Joseph

Prof. Me. David Junior de Souza Silva

Prof.^a Dr.^a. Francine Pinto da Silva Joseph

Macapá

2017

RESUMO

AS DINÂMICAS DE INSERÇÃO LABORAL E SOCIOCULTURAL DOS MIGRANTES BRASILEIROS EM KOUROU/GUIANA FRANCESA

Rafaely Figueiredo da Rocha

Orientador: Prof. Dr. Handerson Joseph

Este estudo busca analisar a inserção dos brasileiros residentes na Comuna Kourou, na Guiana Francesa, destacando o trabalho como meio de inserção econômica, e a sociabilidade cultural como mecanismo de permanência no local. Trata-se de uma pesquisa etnográfica realizada em 2016 e 2017 na cidade de Kourou, nos espaços urbanos que movimentam a economia e a dinâmica social local, e os lugares de visitação pública e de lazer. Os dados sugerem que os migrantes brasileiros residentes em Kourou estão inseridos no trabalho manual e artesanal, como o atendimento ao público no mercado de peixe, na construção civil e no setor mecânico.

Palavras-chave: Cultura. Migração. Trabalho.

Introdução

O objetivo desta pesquisa é analisar as práticas laborais e socioculturais utilizadas pelos brasileiros residentes em Kourou, na Guiana Francesa, partindo das técnicas de inserção migratória local, especialmente nos afazeres do trabalho, no lazer por meio da sociabilidade e nos estreitamentos das relações sociais tecidas por eles ao longo de suas trajetórias de vida, partindo da premissa de evidenciar a contribuição destes na composição local e sua importância na construção do departamento ultramarino através da migração contínua. Entendemos, conforme afirmou Pinto (2008), que:

Mais do que qualquer outro momento na história, o mundo atual parece encontrar-se convulsionado. Novos modelos de produção e mudanças no mercado têm impactado de maneira definitiva as relações de trabalho, e assim outras institucionalidades são criadas. Ao mesmo tempo, formas de se posicionar diante da vida emergem de modo vigoroso, [...] (PINTO, *op. cit.*, p. 1).

Nesse sentido, para compreender a trajetória de vida dos entrevistados fez-se uso da etnografia. Por meio da observação participante, foi possível examinar as experiências vivenciadas por eles, assim como das entrevistas semiabertas com diálogos espontâneos, em lugares escolhidos pelos selecionados, hora em suas residências e/ou local de trabalho, com fotografias durante o desenvolvimento de suas tarefas diárias.

Para sustentar tal fala pesquisei o banco de dados do INSEE (Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos Francês). Neste, localizei as formas de subsistência econômica, social e cultural dos migrantes com intuito de analisar a microestrutura local, identificando as principais atividades realizadas a fim de dinamizar a economia.

Segundo o INSEE, há uma desigual proporção de brasileiros desempregados que sobrevivem dos benefícios sociais disponibilizados pelo Estado Francês, em especial, o seguro desemprego, enquanto uma pequena parcela destes trabalham e ganham salários.

Importante ressaltar que o espaço a ser estudado vai além de uma divisão geoeconômica cartográfica. Partindo do pressuposto que o indivíduo define esse espaço estabelecendo vínculos, constituindo práticas sociais, vivenciando e compartilhando suas experiências, vale destacar a explicação de Martins (2008):

A fronteira se constitui no espaço geográfico, mas é uma produção humana, a qual implica: interações e complementaridade entre sujeitos como também em relações de poder. Considerando-se o território brasileiro como uma totalidade, é possível visualizar que suas fronteiras são parcelas integradas a

essa totalidade, portadoras de sentidos históricos, antropológicos, geográficos e sociológicos, assim sendo, muitas são as possibilidades disciplinares e interdisciplinares que se revelam no estudo dessas áreas (MARTINS, *op. cit.*, p. 31).

Kourou é uma Comuna francesa da Guiana, situada a 60 km de Caiena, as margens do litoral guianense. É circundada por quatro montanhas: la Carapa, le Pariacabo, la Montagne Singé e la montagne Lombard. Está imersa num extenso litoral de praias de água salgada e clima tropical. É verão a maior parte do ano, lugar de ampla atração turística.

Kourou, como a segunda cidade mais importante da Guiana Francesa, atrás de Cayenne, no quesito econômico, passou recentemente a adquirir características de cidade urbana. Manteve suas heranças culturais europeias expressas nas casas coloniais. A cidade cresceu a partir da construção do Centro Espacial Francês, momento de explosão demográfica na região, passando de vila à cidade, de característica mais urbanizada (AROUCK, 2001).

Dentre as atividades comerciais praticadas em Kourou, as mais comuns entre os brasileiros são prestações de serviços. As principais ocupações são as seguintes: pescador, mecânico, vendedores de roupas e iguarias, pedreiro, carpinteiro e serviços domésticos.

Kourou possui uma população atual de 262.527 habitantes. Destes, mais de 70% são descendentes de migrantes. Dentre a população migrante, os brasileiros ocupam o terceiro lugar do ranking, perdendo apenas para os haitianos e surinameses (INSEE, 2016). Vale salientar que nas décadas de 1960 e 1970, os migrantes brasileiros ocupavam o primeiro lugar neste ranking.

Na década de 1990, ocorreu uma explosão demográfica brasileira após a construção da segunda fase do Centro Espacial Francês, descaracterizando a pequena vila de *créoles*, plantadores de banana e pescadores indígenas, elevando-a em 2012, ao porte de segunda cidade mais importante na economia local. Recentemente, obteve as características urbanas de comuna, sem perder as heranças culturais europeias somadas às contribuições dos migrantes.

Ao olhar, observar e descrever as trajetórias de vida dos profissionais estudados, foi possível verificar certas peculiaridades. Em meio ao cenário pluriétnico local, manifestam-se características de representação social e cultural – mantendo suas tradições regionais – festividades como o Carnaval – blocos de rua, trios elétricos, *abadás* personalizados, *micaretas*, bailes dançantes ao som de *arrocha*, *só passado*. Ainda nesse sentido, vale lembrar a importância de festividades como a Páscoa, o Dia das Mães e as Festas Juninas.

Diante do exposto, observei um aglomerado de significados simbólicos e valorativos entre a população. Esses migrantes dispensam apresentação, pois quando chegam numa festa são reconhecidos de imediato, chegam sem ser convidados diretamente, fugindo a regra

francesa da alta cultura. Ainda assim, não é incomum levarem convidados. Além de ingerirem cerveja, sentam e comem à vontade, fazem autorretratos para postar nas redes sociais, aparecem nas fotos oficiais assoprando as velinhas do aniversariante, e ao final ainda levavam uns salgadinhos com um punhado de vatapá¹.

Esses mesmos migrantes são portadores de uma característica já muito elencada que vai além das fronteiras nacionais, aliás, sempre que o migrante se desloca, leva consigo todo o seu arcabouço cultural, social, ideológico, educacional, em convivência com o diferente, não perdem suas raízes culturais, mas sim agregam culturas diferentes.

No trabalho não é diferente, enquanto realizam suas tarefas, estão sorrindo, cantando, bebendo cerveja, conversando, descontraindo. Em suma, a brasilidade está impregnada nos afazeres, no pensar, agir, sentir e construir desses migrantes, suas marcas estão representadas em suas construções laborais, sociais e culturais deixados nos espaços guianenses. Essas questões podem ser analisadas através da trajetória de vida dos migrantes.

1. Djalma e o Carnaval em Kourou

O festejo do Carnaval estudado em Kourou está sob a ótica brasileira, apresentado pelos realizadores da festa. Este evento dura em média os três primeiros meses do ano, tendo como ápices em 2016, em 15 de janeiro a abertura, em 14 de fevereiro a Grande Parada, e em 20 de março o encerramento, com a Queima do Diabo, sendo conduzido pelo *Vidée le Mostre*. Este é realizado pelas associações recreativas de várias etnias coexistentes na Guiana, que se apresentam segundo as tradições de seus países.

Nas ruas, os foliões se concentram na praia do Rocha, seguem até a prefeitura para parada oficial e continuam até o final da General de Gaulle, com bandeiras, faixas, máscaras, fantasias artesanais, sandálias de dedo, carros de som. Nota-se o Carnaval como um evento de socialização, agremiação, valorização cultural, aproximação de parentesco, exibição étnico no espaço público como meio de suprimir os conflitos da vida em uma sociedade pluriétnica.

Para iniciarmos o relato a seguir, vale fazermos uso do que nos explica Pinto (*op. cit.*), ao se referir ao processo de imigração de brasileiros para a Guiana Francesa. O autor explica que:

As diferenças regionais, consolidadas ao longo de vários séculos por políticas públicas discriminatórias entre as regiões brasileiras, podem ajudar a entender

¹ Vatapá é um prato típico do Norte do Brasil, servido em datas comemorativas. É composto por trigo, leite de coco, cheiro-verde, cebola, dendê, camarão ou frango. Ao servir deve ser acompanhado de arroz branco ou farinha de mandioca.

melhor porque certos acontecimentos que ocorrem em algumas regiões brasileiras – principalmente nas mais pobres, são ignorados pelo Estado e pela própria sociedade nacional. Talvez um bom exemplo dessa “ignorância coletiva” seja a saída de trabalhadores brasileiros para a Guiana Francesa que já acontece há mais de cinco décadas no extremo norte do Brasil (PINTO, *op. cit.*, p. 2).

Djalma Santos, 52 anos, amapaense, artista plástico e músico, conheceu Kourou em 1999 quando naquela ocasião ainda era aprendiz de pintor nos fundos de um galpão em Macapá, como aluno da Associação *Kuramé Arts*, uma entidade independente, sem fins lucrativos, mas registrada junto à Secretaria de Cultura do Estado do Amapá. Realizava pequenos eventos culturais, como exposição de pinturas, retratos falados, dança, música ao vivo, bingos dançantes para arrecadar donativos visando manter seus associados, com a compra de material, tais como tela, pincel, tintas.

Quando fora convidado para ingressar na delegação de artistas do Estado do Amapá, Djalma não era conhecido, nem tinha obras comercializadas no exterior. Fora com o intuito de participar de um evento artístico internacional, no qual iria ter oficina artística, exposição multicultural, concurso de talentos, entre outras coisas, que se passavam em Caiena, capital da Guiana Francesa, naquele ano. Para cumprir a agenda mútua entre os dois países nos acordos bilaterais o evento contou com personalidades brasileiras e francesas.

Djalma não tinha muitos trabalhos divulgados até aquela ocasião, mas ao juntar-se a delegação das associações e entidades artísticas do Norte, viu naquele convênio um caminho para o aprimoramento de suas técnicas artísticas, reconhecimento profissional, além da possibilidade de conhecer novas técnicas plásticas.

Esta era a chance de mostrar o seu próprio *atelier*, de ter o seu trabalho criativo, inovador, provocante e reciclável, valorizado numa época em que tudo isso ainda era utopia. Percebera ainda que aquele era o momento das grandes oportunidades, hora de mostrar a sua capacidade de criação, persuasão, perspicácia, ou seja, a partir de então seu trabalho seria divulgado no âmbito internacional.

Durante o concurso de Artes Plásticas e Técnicas Avançadas de produção Artística do Platô das Guianas, realizada em fevereiro de 1990, afim de selecionar as melhores produções de artistas da região para um concurso internacional na França, Djalma obteve premiações em várias categorias, vendeu algumas peças produzidas no decorrer do evento, diante do público, propagando, dessa forma, ainda mais seu trabalho.

Djalma não imaginava quão valiosa seria aquela oportunidade, a partir da comercialização de suas obras, alcançar o gosto dos europeus através de suas pinturas de tinta acrílica, todas com a sua marca registrada, de cores vivas, tonalidades marcantes, personagens caboclos, vida ribeirinha, elementos da floresta, mudaria sua vida no interior da Amazônia.

Ele tomou uma atitude brusca, involuntária, mas que nunca se arrependeu. Com o fim do evento, retornou a Macapá. Fora convidado outras vezes à Guiana, quando no ano de 2000, não apenas aceitou o convite de trabalhar, como também foi estagiar no departamento ultramarino.

Depois de ter o seu trabalho reconhecido, fixou-se na região. Em nenhum momento poderia imaginar ter suas obras erguidas nos pontos estratégicos da cidade, como cartão de entrada do país, como é o caso do Totem animal em frente à escola de ensino médio *Victor Schoecher*, em Kourou, produzido totalmente de madeira reciclada da praia do Rocha. Outro monumento erguido no trevo de *Simmamary*, é a bicicleta gigante de ferro reciclado, assim como o conjunto de garças vermelhas agarradas nos troncos de galhos enroscados nos mangues guianense.

Não se pode descrever a Guiana Francesa com o seu contexto histórico, seus avanços urbanísticos, sua culinária, seus lançamentos de foguetes, suas feiras, seus vilarejos, suas *crique*², suas praias, igrejas épicas, seus palacetes, sem mencionar a migração brasileira. Sobre a população local, seria improvável traçar considerações sem mencionar as inúmeras tradições convivendo no mesmo espaço.

Falar sobre os momentos festivos é sagrado para os indivíduos dessa comunidade. O carnaval é o momento mais esperado por eles, pois abre as festividades populares em todas as cidades locais, tendo cada uma o seu apogeu diante de toda a Comuna de Artes Plásticas.

Neste aspecto, vale citar ainda as mãos suadas, os pés calejados dos migrantes brasileiros, que se deslocaram com o seu emaranhado cultural, intelectual, ideário, seu aprendizado familiar de construir as casas, de costurar as redes de pesca, de arrumar as frutas na banca, no falar agitado, nas gargalhadas exageradas mesmo nas dificuldades, no persistir ainda que tudo dê errado.

A priori, quem foi a Kourou ou Caiena apenas trabalhar, após um tempo, se sente constrangido a ficar permanentemente no local, uma vez que ao banhar-se nas águas salgadas

²Criquet: área de preservação ambiental, geralmente separado da cidade, usado para acampar com a família e amigos, banhar-se no rio, descansar da rotina do trabalho.

dos Roches, de comer o *Bouion du warra*³, de degustar o *Colombo*⁴ ou tomar uma dose de *Belle-Cabresse*⁵, ponche de coco, ou mesmo uma cerveja, não conseguiu mais se sentir em casa em outro lugar que não fosse no pé da Montanha do Macaco, ou às margens do mangue, ou nas encostas do Paracaibo.

Por isso falar de Djalma Santos é descrever a história recente do carnaval em Kourou. Djalma, além de idealizar o trio elétrico guianense, confeccionar e adaptar às peculiaridades locais, introduziu o *Le Monstre* a cerimônia do Carnaval, inicialmente no Vidée na abertura, e posteriormente, em todo o cortejo, até o encerramento com a queima do diabo.

Na criação do *Le Monstre*, havia brasileiros compondo a banda oficial. Atualmente, a mesma conta com guianenses, franceses, haitianos que tocam, cantam e dançam as músicas mais conhecidas da população. Todavia, os brasileiros desfilam em outros carros alegóricos, carros de som automotivos e se apresentam em bandas ao longo da festa.

2. Ser brasileira em Kourou

Minha proposta com este trabalho não é apenas relatar histórias que deram certo de migrantes brasileiros em Kourou, mas sim, trazer à tona trajetórias de vidas que somaram suas experiências à história da jovem Guiana Francesa. Pessoas que fizeram a diferença neste local, muitas delas, parte integrantes deste lugar, filhos deste solo, mas de coração brasileiro, que não negam suas raízes. Andreia e Iranilde são exemplos de colaboradoras.

Andreia Gonçalves da Silva, 22 anos, universitária, nascida na Guiana Francesa, filha de pais paraenses, sabe como é ter naturalidade francesa, mas, ainda assim, passar por intrusa entre os colegas em algumas situações, por ser de descendência brasileira. Afirma que “ser brasileira aqui tem mais desvantagens que benefícios, no entanto, meus pais contam que a vida no Brasil era bem pior. Antes de nascer, minha tia propôs à minha mãe que viesse morar em Kourou, seria mais fácil criar uma criança aqui”.

O Estado Francês ajuda mães solteiras que têm filhos nascidos em terras europeias, e assim ela o fez. Nas palavras de Andreia:

³*Bouion du Warra*: é uma comida típica feita a partir do suco do Tucumã, um fruto comum na região norte do Brasil, conhecido pelos índios e ribeirinhos como Canhapira. É comum na Guiana também no período da páscoa. Modo de preparo: fervida por 24 horas no fogo a lenha, sendo que depois de completada 20 horas de fervura acrescenta-se os temperos, tais como o peixe assado na fumaça, o rabo de porco, toucinho defumado, galinha na fumaça, o maxixe pilado, espinafre e pepino.

⁴Colombo: Comida feita a partir do pó de curry, rabo de porco salgado, maxixe, galinha e/ou peixe, feijão verde congelado, manga verde, batata, berinjela, limão caiena; servido em ocasiões especiais, tais como casamentos e batizados.

⁵*Belle-Cabresse*: bebida alcoólica produzida na Guiana Francesa. O teor de álcool é maior que a cachaça 51 do Brasil, muito apreciada como entrada das festas familiares, como o Carnaval, casamentos e batizados.

Nasci no hospital da Cruz Vermelha de Kourou, como muitos filhos de migrantes brasileiros. Aqui sempre morei, estudei e agora trabalho, graças a persistência e dedicação de minha mãe, e ao meu corpo magro, cabelos longos, rosto fino, sorriso largo, e aos cursos e concurso de beleza consegui realizar o meu sonho. Em 2015 alcancei o maior prêmio de beleza da Guiana, fui Miss Kourou e posteriormente, Miss Guyane, um marco na trajetória de quem vive nessa terra e quer ser valorizada (Andreia, Kourou, março de 2017).

Para atender as exigências dos concursos de beleza Miss Kourou, realizado numa fase anterior ao Carnaval guianense, e Miss Guyane, após a festa, as candidatas devem cumprir alguns quesitos obrigatórios, dentre eles, ter nacionalidade francesa, fato que beneficiou Andreia naquele momento, mas de certa forma, atrapalhou na fase posterior, Miss France, como explica Andreia:

Vencer aquele concurso foi uma vitória a todos os brasileiros residentes na Guiana, vi o quanto sentiam-se orgulhosos com aquele reconhecimento. Nunca uma brasileira tinha conseguido aquele título. Com ele chegamos no topo de um concurso, além do mais, conheci vários países e culturas, ganhei mais prêmios. No entanto, ao chegar no Miss France, o júri europeu é mais exigente, analisam cada detalhe, e ser descendente brasileira foi desvantajoso, de igual modo, não ser tão alta e magra como as demais candidatas (Andreia, Kourou, março de 2017).

Num outro plano, a maranhense Iranilde de Souza Carvalho, de 39 anos, trabalha na farmácia do Bourg e alega sentir-se uma nativa, fala pouco o português, foi adotada por uma família francesa, seu pai foi um médico, sua mãe uma professora, não conheceu os familiares brasileiros, não sabe como é passar o carnaval no Brasil, mas conhece bem as festas de Kourou.

Ela se vê assistida pela gestão governamental em que vive, isso se deve ao fato de que com o pagamento dos seus impostos é atendida através dos serviços prestados nos hospitais, na segurança, na escola de qualidade e pública que o Estado Francês oferece a todos, sem distinção nacional.

Afirma ter orgulho de contribuir com o desenvolvimento da Guiana, alega que vê neste lugar um ambiente favorável à criação de suas filhas, com boas escolas, saneamento básico, altos investimentos em saúde e seguridade social. Enquanto isso, no Brasil, apesar de ser uma nação independente, democrática, tem um PIB desigual, com altas taxas de analfabetismo, de insegurança, de instabilidade econômica.

Na Guiana tem problemas como em todo e qualquer país, os conflitos locais, entre brasileiros e guianenses coexistem o ano todo, no Carnaval eles são amenizados, ficam

subentendidos no meio da multidão. Por conta dessa realidade, Iranilde não vê motivos para querer retornar ao Brasil. Essa possibilidade surge apenas em momentos de férias, ou seja, possui um caráter exclusivamente temporário. Sobre isso, Iranilde explica:

Desconheço minha família brasileira, mas não faz muita diferença, pois com meus pais adotivos tive todas as minhas necessidades supridas. Vim criança para Kourou, aqui aprendi a ler e escrever em francês, obtive um nome, constitui uma família linda com o meu esposo e duas filhas. Sou parte desse lugar, não me vejo vivendo naquela correria do Brasil. Moro perto do meu trabalho, minhas filhas estudam a duas quadras de casa, meu marido tem uma loja num bairro ao lado, tenho uma vida muito cômoda e tranquila, gosto disso, não troco essa calma por nada nesse mundo (Iranilde, março de 2017).

Iranilde não esconde sua naturalidade brasileira, mas afirma não parecer muito com as brasileiras que conhece.

A primeira vez que fui a Kourou, era janeiro de 2011, estava a passeio, pensava apenas em rever minha mãe e visitar a outra parte da família que mora no outro lado da fronteira. O Carnaval deles tinha começado, acordei as seis da manhã ao som alto e impactante do trio elétrico local criado pelo brasileiro Djalma Santos, artista plástico amapaense, conduz os passos guiando os brincantes do carnaval no tradicional *Vidéé*⁶, com ele, amigos e familiares batendo a porta querendo entrar para tomar um café e falar dos bailes dançantes da cidade.

O festejo do carnaval é bem diferente do produzido no Rio de Janeiro/Brasil. É mais longo, dura dois meses. É constante durante todo o ano, uma vez que tem suas associações dispostas nas ruas, simples, por apresentarem pessoas caracterizadas com fantasias de material reciclado, artesanal, natural e, ao mesmo tempo, intenso, por terminar não apenas com a quarta-feira de cinzas que inicia o calendário da purificação cristã, mas acima de tudo, pela queima do *Vavalle*, morte, sacrifício do Diabo.

Do pátio de casa na General de Gaulle, podia-se ouvir o som frenético dos tambores, das zambumbas, dos pandeiros, das mulheres dançando. Meu coração seguia as mesmas tonalidades das batidas dos “Canarinhos do Brasil”, uma associação brasileira de carnaval. Lembrava o do Rio de Janeiro, com suas penas vermelhas, tambores exuberantes, cavaquinho, passistas e mulheres dançando de salto alto enquanto giravam, reboavam e mandavam beijos para a multidão nas calçadas. Já era tarde, mas notava-se no céu o vai e vem dos refletores de

⁶Vidéé: Bloco de rua que acorda a população aos domingos as 06:00 horas da manhã para celebrar a festa de carnaval, e as tardes e noites leva a multidão pelas avenidas festejando ao som de músicas regionais e internacionais cantadas em créole guianense, haitianos e surinameses. Lembra um bloco de rua.

luz anunciando a movimentação que seguia os passos das “mulatas”, brancas e negras passistas, das crianças envolvidas em suas coreografias na *Praça dos Bombeiros*.

Esse ciclo não é uma representação exclusiva dessa terra ultramar, mas por lá apresenta algumas peculiaridades, ou seja, a vivência local, as relações culturais tecidas dizem muito sobre quem são os seus arquitetos sociais.

Na terra do *Buion du Warra*, o evento de carnaval abre o menu de opções para mais um ano repleto de tradições regidas pelas inovações tecnológicas, a começar pelo lugar, pois Kourou é um ambiente tropical, de sol e chuva, terra banhada pelo Oceano Atlântico que esbanja natureza, fauna e flora, área de inúmeras ricas Reservas de Proteção Ambiental.

A terra se caracteriza pelo limão Caiena, avenidas construídas no tempo do império Francês, com casas tão antigas quanto a sua história, com monumentos que contam e refletem o tempo e espaço, ruas que são tomadas pelo *Vidée*, aos domingos de fevereiro a março, bailes de *Touloulous* onde somente os mascarados podem entrar para talvez dançar com suas mãos encobertas, da Patê que é comida e também festa católica, das mulheres japonesas, dos negros de cabelos loiros e olhos verdes, das meninas do cais, das ilhas mal-assombradas cinematográficas, das vilas com pedras coloniais, das casas de telhas de madeiras ou metálicas, de igrejas medievais, dos passeios fúnebres nas avenidas principais, dos casamentos de rua, da queimada do *Vavalle* em plena praça, do mercado que mais parece casa, da praça que se assemelha a alojamento, da padaria que fecha meio dia e reabre somente as 16:00 horas, fechando as 20:00 horas.

Na porta do China⁷ é o lugar de maior concentração dos brasileiros depois de mais um turno de trabalho. Espaço de descontração e reencontro com os amigos, vende bebida alcóolica, mas não é bar, dos carros de som equipados, dos meninos que sentam nas bicicletas, dos padres que fazem showmícios nas paróquias, das igrejas evangélicas que reproduzem os anseios dos garimpos, dos bares e restaurantes regionais exclusivos para estrangeiros, das *Village Saramaca*⁸, é comum ver as crianças brincando nas ruas de bicicleta, jogando futebol, as meninas sentadas nos bancos às margens do asfalto fazendo tranças nos cabelos umas das

⁷Na porta do China: comércio local de pequeno porte, geralmente administrado por um chinês ou descendente deste, responsável pela venda de produtos alimentícios, limpezas, bebidas de todos os tipos, artigos de subsistência.

⁸Village Saramaca: bairro tradicionalmente construído no *Vieux Bourg* para receber os refugiados que fugiram do Suriname na última Guerra Civil de 1990 que ocorreu com a independência do país, e desde 2011 foram recebidos na Guiana, esse bairro foi reestruturado e expandido até o bairro Lance e 205 orla da cidade, ganhando saneamento básico, luz elétrica, ruas asfaltadas, apartamentos modernos, casas tradicionais guianenses, uma associação de moradores com o seu respectivo representante eleito pela comunidade, uma escola de ensino da língua francesa a estrangeiros, a associação Papagaio que cuida da manutenção e preservação da fauna e flora local.

outras, as mulheres tecendo croché, ou limpando o quintal com vassoura de serrapilheira, os jovens sentados à beira dos muros ou mexendo em suas mobiletes.

Quem visita Kourou neste período pode contemplar o que a cidade tem a oferecer, vai conhecer as pessoas que configuram esta terra, poderá identificar as personalidades locais, pois a riqueza deste lugar concentra-se exatamente na diversidade. Estas montanhas agregam etnias diferentes, divergentes e até mesmo oponentes. No entanto, não defendem ideologias de liberdade e sim a sobrevivência de sua família particular, tudo isso convivendo no mesmo lugar e ao mesmo tempo.

Esse mesmo turista talvez não possa, em um primeiro contato, observar, de maneira profunda e conscientemente, as camadas étnicas prevaletentes em Kourou, em Cayenne, em Saint-Laurent du Maroni. Isso, porque seu foco não é imediatamente nas pessoas e suas representações, mas sim, nos monumentos turísticos, cidades históricas, bem como as várias áreas de Proteção Ambiental.

São atraídos pelos pacotes de viagem, que dizem “Sejam todos bem-vindos à Europa na Amazônia Tropical!”, Terra do Euro e do Eldorado dos sonhos europeus, terra, mar e floresta que tragavam os ambiciosos pelas riquezas da região.

Hoje, destaque internacional por sua importância no contexto econômico europeu, pois logo após a perda da posse das colônias francesas no território da Somália, fez-se necessário a transferência de toda a estrutura, maquinário, pessoal, da Base Espacial Europeia, Nave Espacial no meio da floresta densa, de lagos urbanos, de conjuntos habitacionais populares cinco estrelas, de hospital de primeiro mundo.

Por conseguinte, na terra de Croissant francês, produzido por colombianos, de pato no tucupi paraense, de tacacá com Jambu plantado por índios do Oiapoque, de Cury comercializado por surinameses do outro lado do rio Albiná, “do 10 quilo” de arroz regional, de Saquê manufaturado por filhos de samurai local, de *Melangé* cultivado por mongos regionais, de *Banana* plantada na varanda dos haitianos as margens da *Plage des Roches*, esta é também a “terra que filho chora e mãe não vê”, como prediz o pedreiro *Lazarino* e mecânico Wanderley.

Nesse aspecto, é importante nos voltarmos mais uma vez à temática do carnaval. O Carnaval brasileiro, inicialmente fora criado para extravasar, nas ruas, o que antes era privado dos usos e costumes de casas, o sentimento de liberdade, a rebeldia contida nos padrões sociais do clã familiar, a desordem do indivíduo em seu interior que reluta em seguir os padrões vigentes.

Para DaMatta (1997), há, no Brasil, duas vertentes de Carnaval, mas uma delas é mais propagada, vendida, reproduzida pela massa nacional e consumida pela internacional, o modelo daquele reproduzido pelo Rio de Janeiro e São Paulo, idealizada pelos estrangeiros.

Na maioria, as mulheres, apenas brincantes, são vistas como prostitutas, profissionais do sexo, ou mesmo como eternas dançarinas de Samba, Pagode, Chorinho. Eu mesma, a autora deste trabalho, passei por uma dessas situações de constrangimento social. Aconteceu numa determinada situação, quando me encontrei no interior da sala de cirurgia a fim de realizar um procedimento reparador. Estava eu deitada na cama do Hospital da Cruz Vermelha, em Kourou, quando ouvi levemente o cirurgião me perguntar se era brasileira, afirmei positivamente com uma das mãos, enquanto a anestesia começara a fazer o seu efeito. Recordo de ver os enfermeiros dançando enquanto cantavam uma música de samba, e riam de mim.

Outra situação desconfortável se deu no Oiapoque, em 2006, quando eu fui passar o feriado na cidade. Estava sentada à mesa de um restaurante, em frente à Praça principal, na companhia de minha mãe e meu padrasto, ambos residentes em Kourou, quando fui abordada por uma vendedora de flores, que me entregou em mãos um buquê de rosas vermelhas. Eu, de imediato, recusei. Aleguei que não tinha dinheiro para efetuar o pagamento, mas ela persistiu, afirmando que outra pessoa havia pago. Por mais uma vez, recusei as flores, sugeri que ela devolvesse ao remetente. A vendedora seguiu minhas instruções. Em seguida, fomos surpreendidos por um senhor de meia idade, um guianense, cordial, sorridente, amável, mas intolerante.

Para Cavalcanti (1999), a cultura popular no Brasil, quanto ao imaginário do mito do Carnaval é nada mais nada menos que uma recusa integral de si, enquanto cidadão, pois por meio do carnaval propriamente dito, eles buscam escapar dos estrangulamentos de sua própria cultura.

O Carnaval é, segundo a sua própria origem, uma feira das variedades, um sinônimo de liberdade das normas sociais, libertinagem sexual e moral, uma possível fuga da realidade social imposta, regada de leis, regras, imposições sociais e culturais.

Por exemplo, nas festas carnavalescas de Olinda-PB/Brasil, encontramos uma variedade junto à feira de bonecos artesanais produzidos pelos próprios brincantes, assim como pelos profissionais artesãos que aproveitam as circunstâncias para arrendarem algum trocado, quem sabe fazer até um lucro.

Nas ruas, ao longo dos dias tradicionais da festa, nos deparamos com infindáveis “Blocos de Rua” que surgem de maneira espontânea, são os tão famosos e vendidos pacotes

“Carnaval de rua”, que duram dias, dependendo da cidade. Ao longo desse período festivo, o Brasil vende o que produz de melhor em sua “Máquina de Alegria”. Para DaMatta (1978):

O ideário do Carnaval como festa de integração, representação cultural nacional, segundo o discurso oficial, vem a ser o resgate de suas origens expressas no Rito do próprio Carnaval, divisão socioespacial e econômica, exposição da realidade social, aquecimento do comércio local (tudo é mercadoria), haja vista que no carnaval tudo é motivo de festa, sinônimo de brasilidade, comédia, sarcasmo, exuberância, extravasamento, alegorias, produções artesanais, venda de comidas típicas, a festa como transposição das tendências culturais para o espetáculo, sendo uma contraposição da cultura oficial, negros alijados do carnaval, ideário de unidade nacional, ordem e progresso, prática radical coletiva (DAMATTA, *op. cit.*, p. 176).

Na Guiana Francesa não é diferente. Os menores, em especial, se juntam em grupos de colegas, vizinhos e amigos de escola, saem sem pedir permissão, desacompanhados dos mais velhos, assaltam os bolsos e carteiras dos pais e pulam as cercas baixas, entrelaçadas de arames pontiagudos, andam pelas ruas esbanjando o seu controle pessoal diante da vida pública, nas ruas consomem bebida alcoólica, fumam cigarros, tem as suas primeiras experiências amorosas.

Se tem comumente a ideia de levar às ruas a reprodução de alguns costumes familiares, alimentar hábitos, repassar valores sociais, reformular sentimentos sociais, agremiar pessoas, “trazer de volta a casa quem estava ausente”, ideário construído e imaginado inicialmente pelos franceses metropolitanos e posteriormente, reproduzido pelos créoles-guianenses.

Ressalta-se que de janeiro a março são as maiores férias escolares e laboral na Guiana Francesa. Os pais têm o direito de acompanhar as atividades de seus filhos. É um direito que o governo francês preza em manter e garantir a todo e qualquer cidadão em seu território.

O mencionado período coincide com o carnaval. Seu marco inicial tem seu apogeu em 15 de janeiro e perdura até 20 de março, com a marcha do *Vidée*, pelas principais ruas, cantando e dançando os *rits* tradicionais de várias nacionalidades, hora em francês, hora na língua *créole* (carro elétrico de som, com músicos e cantores locais, guianenses, saramacas, haitianos, etc.).

Durante seu intervalo, dia 14 de fevereiro a *le Grande Parade* – dia em que todas as associações carnavalescas da Guiana vão desfilar em Kourou –, e para encerrar a celebração geral, há tradicionalmente a queima do *Vavalle* na praça do Bombeiro, final do *Vieux Bourg*.

Geralmente, depois do último desfile pela cidade, as mesmas pessoas que passaram esses meses dançando com *Vavalle* agora o rejeitam diante de todos. Famílias inteiras acompanham a despedida. Em frente aos bares, doses de cachaça são lançadas em sua direção.

As associações recreativas por hora desconfiguradas, vão dar o último adeus, agora sem bandeiras e sem dança orquestrada.

O festejo do carnaval é uma forma de expressão das manifestações culturais dos brasileiros residentes na região. Um momento para congregar a família, renovar as relações familiares, firmar as alianças, receber os filhos vindos da Europa, do Suriname, do Haiti e do Brasil, descontraír, festejar, comercializar, trabalhar, socializar e de *brassage des races*⁹.

O Carnaval guianense é uma exposição de *brassage des races* (CLEAVER, 2005), pois durante o período de exatos três meses, verifica-se um grande evento não apenas festivo, mas sim de sociabilidade cultural e social. Isso se deve ao fato de notarmos, após observação minuciosa e discreta, um emaranhado de pessoas, valões, simbologias, credos, representações, expostos numa alegoria, numa música, numa vestimenta, numa comida ou bebida típica.

A cada intervenção torna-se notório que sua representatividade é carregada de significação simbólica para os nativos, os ameríndios e outros estrangeiros, ou seja, para todas as etnias coexistentes na Guiana.

Na densidade das práticas da sociabilidade brasileira, cultivada pelos brincantes do Carnaval ao movimentarem-se em sintonia magnética com o *Vidée Le Monster*, sendo arrastados pelas ruas e avenidas da cidade, durante o período de festa mais popular na Guiana ou puxado pelo trio elétrico dos blocos brasileiros, embalados pelas mulheres, passistas das Escolas de Samba ao som do tambor, da Zumba, ou ainda, no interior de suas residências, casas construídas com retalhos de construção, ou empilhados nos apartamentos populares.

O Carnaval como rito se expressa em suas fases de criação, representação, exposição nas ruas, nos bailes dançantes, nas músicas tocadas anualmente, nas danças tradicionais. São entendidas como tradicionais pelos brasileiros, pois não há inovação nas melodias, nas letras, nas danças. O que se altera são as cores de identificação do ano carnavalesco.

Em 2016 fora azul e vermelho, em 2017 amarelo e verde, cores conhecidas pelos brasileiros e admiradas pelos franceses metropolitanos, no entanto, não são apenas símbolos expressivos do Brasil mais emblemáticos das bandeiras da Jamaica, do Haiti, do Suriname e da Guiana Francesa. As associações devem conter em suas alegorias, fantasias, pinturas nas roupas e faixas e a cor definida para o ano festivo.

Os batuques dos tambores, instrumentos feitos à mão com sobras de construções, são embalagens plásticas de alta consistência e aderência, fazem sons estrondosos, opacos e

⁹*Brassage des races*: traduzido como “mistura das raças”, termo utilizado por Cleaver (2005) para descrever o projeto francês para a construção da nação a partir da variedade de migrantes na constituição demográfica guianense.

abafados, em geral, nas cores azul e preto. Com esses instrumentos, os ensaios repetidos nas noites de quinta-feira, ao lado da prefeitura, no *Vieux Bourg*, anunciam que domingo terá festa, dança, música e bebida.

Ao final de todo o enredo, aproxima-se o término da festa, quando em março, a população local, realizadores do carnaval guianense, tecido com suas próprias mãos a arte fabricada em plásticos, em folhas de bananeiras, em carros alegóricos de garrafas metálicas, por hora, veem diante de um cortejo, como num ato fúnebre que corre a avenida do Kourou velho em direção ao cemitério municipal, todos unidos entoando cânticos tristes, de despedidas, “lançaram o mal na fogueira”, queimaram o real motivo da celebração coletiva, agora, consumado o rito de passagem com danças ao redor das chamas de fogo vermelhas, azul e ao redor amarelo, como num ritual de entrega, de purificação e de renovos.

Mas o vento forte que sopra do Oceano, adentra o canal da ponte do pescador, percorre os corredores de casas e prédios do *Vieux Bourg* é o mesmo que eleva o fogo, aproxima *le Diable* materializado em um boneco de resíduos reciclados de seus capatazes. É o mesmo que eleva as cinzas do principal motivo da celebração de três meses e razão de unificação das famílias, de tal modo, que socializa Estado, cidadãos, famílias tradicionais e atraem turistas do mundo inteiro sedentos por cultura, e é exatamente essa mesma cultura local que mantém organizada e perpetuada, pronta para mais um ano repleto de ações sagradas e profanas, dividindo o mesmo espaço, a rua, a igreja, os mercados municipais e de peixe, as casas privadas e noturnas, as pontes, os *Chinois*, os *Carbés*.

Entendo o carnaval como um elemento integrador, elo sociável entre as diversas etnias presentes e coabitantes do mesmo espaço. Afirmo ainda que as identidades se constroem e se reconstroem constantemente no interior das trocas sociais e estas ocorrem exatamente no carnaval que torna possível a aproximação física, ideológica, emocional entre os diferentes que por um breve momento de três meses abandonam as divergências.

Ainda que a história de colonização seja contrária a essa hipótese, o governo francês vê nas festas a possibilidade de inserção cultural dos migrantes, e nós, brincantes, queremos acreditar nessa ideia. Para Castro (2012) não poderia ser diferente, uma vez que, a região norte do Amapá firmou-se como área de fronteira entre os dois países que desde sua origem é conflituosa:

A região no norte do Amapá, que hoje é considerada área de fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, foi uma área em disputa desde a colonização europeia entre a França e o Brasil. Em primeiro lugar pelo domínio, acesso e

controle da voz do Amazonas e, posteriormente, pelo domínio dos recursos minerais existentes, [...] (CASTRO, *op. cit.*, p. 20).

Entendidos esses aspectos, prossigamos com o relato. O Carnaval de 2016 ocorreu de janeiro a março como de praxe, mas teve seu apogeu abafado por causa da crise política, econômica e social que acometeu toda a Guiana. Naquele ano, os prefeitos empossados tinham herdado as contas e prejuízos dos seus antecessores, trazendo à tona os desfalques nas contas públicas que seguiram os passos das empresas privadas, restringindo investimentos e doações para as festas do ano.

Sendo o carnaval um evento de celebração dos residentes na Guiana, que festejam o momento de integração dos povos, de exibição étnico no espaço público precisam de recursos logísticos para a sua efetivação, e como 2016 fora um ano de poucos recursos, e como os investimentos públicos/privados que somam mais de 70% do total não ocorreram inibindo a festa em si. A cada ano, as associações recreativas recorrem às empresas privadas da região, comerciantes de pequeno porte, e acima de tudo, aos órgãos públicos para arcar com gastos mais elevados, no entanto, o maior investimento no carnaval vem da prefeitura.

Durante o período de carnaval, notamos uma tímida, mas amigável relação de aproximação cultural entre os povos. DaMatta (*op. cit.*) identifica nos festejos oficiais do Sete de Setembro, no final do Regime Militar, a separação, estruturação social entre as classes sociais, a divisão entre patentes, a rigidez na postura do cumprimento das autoridades, enquanto que no carnaval, uma típica festa de rua havia uma flexibilização dos papéis sociais, homens se travestiam de mulheres para brincar, não havia a rigidez de manutenção da postura diante do outro, não havia relação de chefia e subordinado.

Ainda neste contexto, o papel integrador do carnaval, que por aglutinar pessoas distintas sob o mesmo ambiente, atraindo-as com o som do tambor, da dança, das alegorias, consegue unir ainda que por pouco tempo no mesmo espaço, na mesma estrutura, camada social, de pés soltos na rua, valores étnicos, gastronomia, patriotismo, nacionalismo.

Anualmente, o carnaval se repete em toda a Guiana. Com ele sempre surgem algumas novidades, mas sua essência permanece tradicional com as roupas de garrafa pet e carros alegóricos de pequeno porte. As músicas não mudam com o passar dos anos. Em tempos de crise, os foliões levaram suas cubas plásticas com bebidas, mas geralmente, consomem os produtos das barracas erguidas no entorno da rua em frente à prefeitura.

Em 2017, verificou-se um avanço na organização do carnaval, com as contas em dia, a prefeitura pode contribuir com parte da estruturação da festa, realizou a manutenção das ruas,

instalou as luminárias e bandeiras personalizadas, efetuou as doações financeiras às associações, contratou bandas de show, trouxe artistas internacionais. Este ano, as Escolas de Samba, ou melhor, as associações recreativas brasileiras tomaram conta das ruas e avenidas de Kourou, dentre elas, as de Caiena, de Saint Laurent, de Oiapoque e até de Macapá apresentaram seus sambas-enredo, suas cores amarelo e verde, suas saias rodadas da musa e porta-bandeira em parceria com o *Touloulous créole*.

3. Mercado Municipal de Kourou

O *Marché Fortuna Ringuet Tina*, desde 25 de novembro de 2011, dobrou a sua capacidade de atendimento ao público. Comporta, em 2017, por volta de 150 feirantes que comercializam seus produtos. Destes, apenas quatro são brasileiros que vendem iguarias tais como: cheiro verde, açaí, farinha de mandioca, roupas e acessórios.

Funcionando de sexta e sábado, das 06:00 as 14:00 horas, abastece os chinês, os restaurantes e bares, as famílias locais e adjacências. Neste espaço vivenciou-se as dinâmicas laborais, mas também de sociabilidade, onde as relações sociais são tecidas pelas trocas materiais e simbólicas.

O mercado Municipal de Kourou é também utilizado pelos brasileiros como espaço de sociabilidade e lazer. O local é frequentado pelos moradores e turistas de Kourou para negociar produtos e moedas. Ao percorrer o interior da feira, passear e apreciar os detalhes minuciosos do local, ou sentar-se à beira da calçada de concreto, disposta a observar as riquezas postas nos balcões de madeira percebemos uma beleza peculiar.

Ao falar com feirantes e clientes das feiras, ao conviver e socializar-se de fato com a comunidade, ao ouvir, sentir, respirar, compreender, analisar, descrever mentalmente as relações existentes neste ambiente, perceberemos as interações sociais, as interrelações culturais, a consequente manutenção dos laços amigáveis, a sustentação e estreitamento dos laços de parentescos.

De igual modo, verifica-se pequenos desentendimentos entre os feirantes e a gerência do mercado. Os comerciantes pagam uma taxa de manutenção que não é totalmente cumprida pelo responsável, como a taxa de aluguel que deveria ser investida nos reparos da instalação de energia elétrica, tubulação de água, limpeza do local.

Enquanto as mulheres feirantes comercializam seus produtos com o público em geral – as crianças brincam com as caixas de papelão, correm no entorno do Mercado de mãos dadas disputando corrida –, os homens arrumam as barracas, limpam a sujeira lançada pelos usuários,

separam os produtos para repor às prateleiras, descarregam os mantimentos e trocam dinheiro para dar o troco.

O mercado representa um espaço por excelência laboral, mas também de sociabilidade, onde as relações sociais são tecidas. Vera Maria dos Santos – uma das quatro feirantes fixas que atuam no mercado, há mais de 15 anos em Kourou, possui hoje 37 anos de idade, macapaense, casada com um chinês há pelo menos 16 anos, tem três filhos, nascidos em território ultramarino francês – explica-nos:

Divirto-me enquanto vendo meus produtos, sei que não sou exclusiva, mas aplico tudo o que aprendi em técnicas de venda quando trabalhava numa sapataria em Macapá, bebo hoje umas cervejas, ouvia Reginaldo Rossi. Mana, o dia que cansei de vender roupas e sapatos pros outros, decidi sair de Macapá. Eu tinha uma grande amiga que me disse, “mana vamos pro Oiapoque, lá o ‘babado’ é fortíssimo. Tua vida vai mudar da noite pro dia”. E assim eu fiz, nem pensei em nada, sem me preocupar com ninguém. Vim embora. Não tinha deixado nada para trás mesmo. O mais importante eu trazia comigo: a cara e a coragem. Sabe mana, nunca tive medo de nada. Sempre confiei em Deus e tive fé que tudo daria certo. Mas ao chegar em Oiapoque-AP, não tinha vaga nas lojas, pagavam pouco, minha amiga e eu ganhávamos muito mais saindo a noite com os estrangeiros (francês, guianenses, chineses, alemães, etc.). Eram homens ricos, alguns casados, outros divorciados, carentes, sozinhos, longe da família que ficara na França, mas gostava de passear com as brasileiras daqui, ou seja, mana, eu fazia programa (Vera, Kourou, Junho de 2016).

Boneca, apelido ganho em Oiapoque, já é cartão de visita do Mercado, possui pelos menos três extensões de barracas no interior da feira. De longe pode se perceber e ouvir sua voz ecoando em meio à multidão, possuidora de ótimas técnicas de venda que adquiriu durante as vendas de roupas e sapatos no Centro Comercial de Macapá, numa famosa rede de lojas, sempre com um sorriso no rosto, os produtos frescos e novos à mostra, preços devidamente identificados, disposta a ouvir o cliente em primeiro lugar e oferecer o produto e, ainda por cima, movida pelo som do ritmo dançante do *Arrocha*, do *Só Passado*, do *Sertanejo*, do *Carimbó*, do *Zouk Love*, etc.

Nota-se, pela frequência de suas vendas e pela quantidade de pessoas que enfrentam a fila somente para ser atendidos ou ouvidos a fim de conversar um pouco, desabafar os problemas da vida, a atualizar-se dos acontecimentos, saber mais das festas, dos fuxicos, e utilidades públicas que envolvem a cidade, como Barbie é levada em consideração em seu contexto social.

Desta forma, a barraca da Boneca e seu entorno, se assemelham ao próprio cenário espacial guianense, pois se aglomera ao seu redor as mais diversas raças coexistentes na Guiana,

seja para comprar frutas, legumes, verduras ou mesmo para passar o tempo em um ambiente agradável, alegre e aconchegante, na companhia da feirante mais extrovertida da feira.

4. Ponte do Pescador

A Ponte do pescador de Kourou é outro ponto de encontro, de lazer e trabalho da região que mais emprega migrantes recém-chegados à cidade. Um dos trabalhos que mais acolhe indocumentados, sejam eles brasileiros ou não. De igual modo, o que possibilita a primeira autorização de permanência no departamento é a pescaria.

Interligando-se ao Mercado de Peixe cria-se uma rede continua de relações comerciais e afetivas. Antes de ser efetivado como mercado foi lugar de desembarque de estrangeiros ilegais que chegavam de canoa, até que em 2008, fora erguido o porto, o mercado do pescado e mais recentemente, o porto turístico de visitação às ilhas de Salut e do Diabo, gerando inúmeros empregos transitórios na região.

Ao longo das entrevistas preocupei-me em fazer perguntas abertas aos entrevistados, além daquelas semiestruturadas. O objetivo era que a pessoa se sentisse à vontade para falar o que viesse a mente.

Em um dos momentos da pesquisa conheci o pescador Álvaro Dias, nas minhas visitas à ponte do pescador para relaxar ao longo do dia. Pescar no final da tarde fazia parte da minha terapia. Ao longo da semana, fui observando as pessoas que faziam aquele local, analisei as características dos possíveis entrevistados e o que tanto faziam ali. Foi nesse momento que concentrei nos pescadores.

Comecei a indagar algumas coisas do cotidiano deles, como tinha sido a pesca, quanto trouxeram daquela vez, então, em determinado momento, troquei telefone com Álvaro, um pescador recém-chegado do Brasil, sem muitas experiências em Kourou, mas um hábil conhecedor das marés, dos peixes e da natureza, um sonhador, muito alegre e sorridente.

Álvaro Dias Coelho, 25 anos, nascido em 1 de junho de 1990, no município de Vigia, no Estado do Pará, chegou na fronteira da Guiana com Oiapoque em dezembro de 2008 com apenas 18 anos de idade. Foi por intermédio de seu pai, que residia, trabalhava e conhecia o local naquela época que Álvaro conheceu o local.

Álvaro deslocou-se de Vigia para Oiapoque, no Estado do Amapá, numa embarcação de madeira. Chegando à fronteira, ficou alojado num barracão de lona em *Saint Georges* na companhia de seu pai e outros amigos. Era uma acomodação precária, sem privacidade,

localizada às margens do rio, área marcada pela forte presença de pescadores locais, catraieiros, atravessadores, comerciantes, cambistas, turistas, marginais, traficantes de drogas e prostitutas.

O cais onde ficam os pescadores, por ser um ambiente público, é comum tomarem banho nas águas do rio, ao lado dos barcos, usando apenas uma cueca, lavando roupas e louças. De acordo com Álvaro, seu pai e familiares sempre trabalharam com pescaria. Mas naquela ocasião, ele tinha ido apenas conhecer o local, era jovem, não tinha mulher nem filhos, a embarcação era de outro dono. Segundo ele:

Para falar a verdade, quando eu vim, não vim direto para trabalhar na pescaria. Fiquei primeiro para ver como era o movimento para pegar as manhas para depois começar. Comecei a consertar redes, trabalhei no mercado vendendo os pescados, e só depois fui pescar e até agora estou pescando. Quase todos os pescadores sabem consertar as redes, e quando tem um burquinho para consertar a gente mesmo conserta. Esse trabalho do barco a gente faz, já é normal mesmo, é parte do nosso trabalho. O trabalho que tem dentro do barco é tudo nosso. Vim trabalhar em Kourou no início de 2016, aqui é contrato mesmo. Tenho a carta de pescador e *Carte de Sejour* de um ano, podendo trabalhar e residir em território francês. A documentação necessária para tirar a *Carte de Sejour* foi passaporte e a certidão de nascimento traduzida em francês, o contrato de trabalho oferecido pela empresa contratante, ficha de pagamento, comprovante de residência fixa. Agora normalmente estou morando aqui no barco, pois passo mais tempo em alto mar. Na pescaria não tem um dia certo pra gente sair, todo dia tem trabalho a fazer, pode sair no domingo, na segunda, terça, ou feriado, tanto faz. A nossa jornada de trabalho depende da gente sair da beira do cais, saiu da beira a gente já está trabalhando. Aqui nessa embarcação vai geralmente uma equipe de quatro tripulantes, o piloto e mais três marinheiros. Se fosse no Brasil, uma embarcação dessa comportaria uma tripulação de dez pessoas. Usamos apenas uma rede de pesca, com uma medida de 3.000 braças. Enquanto trabalho no mar a família aguarda respostas e dinheiro em terra, possuo esposa e dois filhos em Oiapoque. Depois que cheguei no Kourou eu comecei a sonhar mais, porque aqui eu tive mais oportunidades. Agora sim tenho sonho de construir alguma coisa, antes não poderia, não tinha emprego de verdade, não tinha garantias de ganhar um salário no final do mês, tinha a preocupação de conseguir o que comer no dia seguinte, agora dá para sonhar mais alto. O salário é pago por produção, variando muito. A quantidade de pescado arrecadado varia de viagem, da maré, do tempo. Tem viagem que é boa, outras não são, é variado assim, na última viagem fizemos por volta de 1200 quilos de peixe (Álvaro, Kourou, abril de 2016).

Em outro momento, estava Álvaro e mais dois colegas de trabalho, João e Carlos em horário de descanso, depois de quatro dias no mar. Apesar da folga, não paravam de realizar as tarefas vinculadas ao serviço. Cada um fazia uma atividade em particular, mas todas interligadas entre si. Enquanto conversava com Álvaro, o mesmo fazia café, lavava louças, arrumava as redes, do outro lado da embarcação estava João separando as botas, arrumando os

baldes, guardando a farinha, e Carlos mais velho do grupo, logo atrás media o óleo do tanque, regulava o motor, arrumava as ferramentas.

Em seguida, Carlos deitou-se numa rede de pano. Se embalava enquanto prestava atenção na nossa conversa, atentamente acompanhava tudo de canto de olho, sempre desconfiado, mas atento a cada passo que dávamos no interior da embarcação. Depois de finalizar seus afazeres, João sentou-se sobre as redes de pesca espalhadas no chão do barco cortando um par de botas para melhor servir em seus pés. Posteriormente, um terceiro homem chegou com uma lata de cerveja em mãos. Fiquei sabendo depois que este era o patrão, um brasileiro, que também foi a Kourou em busca de emprego e se fixou ao longo dos anos. O chefe era acostumado a ficar assentado na embarcação, acompanhando tudo de perto, cada movimento dos seus funcionários, um homem do mar, acostumado com o vai e vem das marés.

Pedi a Álvaro para registrar a nossa conversa e o ambiente, com fotografias e gravação de áudio, após conceder a permissão iniciei o meu trabalho. Informei que precisava observar um pouco a rotina deles. Notei que são pessoas humildes e trabalhadoras, aventureiras, pois muitos deles antes de vir trabalhar com a pesca já tocaram gado, mexeram com caça, com garimpos, com transporte ilegal de produtos e pessoas. O trabalho desenvolvido por eles vai além da pescaria no mar, como mencionado aqui, para tanto recebem um salário mínimo de 1700 euros mensais, com direito a férias uma vez por ano, geralmente, no Natal, Dia das mães, de acordo com a negociação.

Aliás, a comercialização, o transporte de produtos de beleza e limpeza do Brasil, carne bovina e suína, charque, calabresa, perfumes da Natura e Boticário, roupas e acessórios nacionais também dão lucros absurdos, o difícil mesmo é atravessar a mercadoria sem ser pego pela polícia francesa. Seria necessário que tivessem *Carte de Artisan* para transportar, circular, comercializar e trocar mercadorias internamente.

Como eles não têm qualificação, nem formação profissional na área de pesca, ou seja, não possuem nenhum documento oficial comprovando o registro em pescaria, ou serviços marítimos, dependem completamente do seu empregador para adquirir sua legalização no país. Em suma, se tem trabalho o trabalhador aparece. Ele tem vida social, ele é um consumidor, ele pode sentar-se à mesa do bar e pagar umas doses aos amigos depois de mais um dia de trabalho, mas, caso não esteja em serviço, ele é nulo, não aparece, nem vai às festas, pois só entra quem paga, não tem companhia para a noite, sendo que não tem como mantê-la por perto e segura. Ele é um indivíduo vulnerável a tudo e todos.

O pai de Álvaro permaneceu em *Saint George*, Guiana, residindo em um barracão de lona e madeira, enquanto o rapaz migrou para Kourou depois de seis anos de preparação em Oiapoque. Atualmente, Álvaro tem uma companheira e um casal de filhos que residem em Oiapoque, no quintal de sua sogra, mas não distante de seu pai, mãe e irmãos mais novos.

Muitos deles só puderam se legalizar a partir do trabalho na pescaria, por serem funcionários da empresa Fortuna, fato que facilitou para a sua primeira *Carte de Sejour* de um ano. É de pesca, isso adiantou e facilitou a situação dele no país e trabalho além mar. Se a pessoa tem um contrato de trabalho no país, seja CDI (Contrato de Trabalho por tempo Indeterminado) ou CD (Contrato de Trabalho por tempo Determinado), há uma facilidade de adquirir bens em seu nome, como um carro ou moto, aluguel de casa ou apartamento e eletrodomésticos. Álvaro confessou que já tem outra mulher brasileira no Kourou, e enfrenta um processo de separação conjugal em Oiapoque.

Quando indaguei se morava no barco ou em terra ele relutou em falar de imediato, até explicar que, recentemente, estava morando no barco, depois de desentendimento com a sua última companheira. Depois do ocorrido resolveu parar mais no barco. É no interior da embarcação que ele cozinha, lava suas roupas, faz as suas necessidades, dorme, trabalha.

A jornada de trabalho dele é bem puxada, talvez por residir na embarcação, tendo maior contato com os utensílios dos afazeres marítimos, proximidade com os colegas, contato direto e diário com o seu patrão. Quando questiono se alguém depende dele no Brasil, se sustenta alguém com o dinheiro arrecadado na Guiana, afirma que depende só de Deus, e que uma filha pequena depende dele com a pensão, mais nada.

Usa todo o recurso adquirido no seu gosto próprio. Perguntei de quanto seria o valor recebido a cada viagem, ou mensal em dinheiro. Não respondeu com clareza, mas alegou que depende e muito da produção da viagem. Quanto a jornada de trabalho deles, é intensa, com folga somente quando a embarcação está ancorada no cais para descarregar o pescado e recarregar de gelo. A tripulação pode variar de acordo com a disponibilidade dos marinheiros, tempo estimado em 12 horas no máximo fora da embarcação.

Em alto mar, durante os dias de pescaria, o tempo de trabalho deles é determinado pelas marés, pela intensidade das chuvas e pela potência do sol. Estando a maré lançante, na lua cheia, as águas estão boas para pescar a noite, com chuva fraca, sem ventos, tem mais peixes nos canais. Nessas condições, Álvaro, João e Carlos se revesam nas redes, lançando-as o mais profundo possível, sempre acompanhando a direção das correntezas. Enquanto aguardam o sinal dos peixes, fazem a refeição, um café, ouvem músicas, conversam, dormem.

Outro fator impulsionador das viagens é a saída de foguetes da base de Kourou ou de Sinnamary, fato que serve de empecilho, pois durante as horas que precedem e sucedem os lançamentos das aeronaves não pode haver nenhuma movimentação no espaço aéreo, marítimo ou terrestre.

Tendo os helicópteros fazendo as rondas aéreas, os caminhões e carros de monitoramento terrestre com os soldados da Legião e Gendarmerie, e por mar a marinha francesa juntamente com o exército.

Segundo Álvaro, já aconteceu da embarcação está saindo do canal em direção a alto mar, e então serem abordados pela marinha francesa, tendo que retornar à margem e aguardar a liberação oficial para retornar. Eles têm que alcançar a meta de 20.000 quilos de peixe por mês, e quando esses imprevistos acontecem o planejamento inicial é desfeito, certo que nem todo mês tem lançamento de foguetes, mas tem de dois em dois meses.

Ao que parece, a cada viagem eles aproveitam ao máximo cada hora do dia para encher o depósito de pescado. Eles não voltam com menos de 15.000 quilos de peixe a cada três ou quatro dias de viagem. O ambiente onde moram, a embarcação maior, não tem muita higiene, pois a água que usam para os afazeres domésticos é a mesma onde caem os dejetos do banheiro e pia. No decorrer da pesquisa, pudemos observá-los tirando água bem ao lado do cano do banheiro, com um balde improvisado, uma garrafa de óleo de motor de barco, com uma corda de nylon amarrada as laterais. Com essa água eles lavam louças, fazem comida, limpam os cômodos, lavam o barco, as redes, as roupas.

A tripulação é composta somente de homens, não vi mulheres fazendo visitas por lá, pelo menos não naquele horário. A única mulher com autoridade, disponibilidade e talvez por obrigatoriedade que aparece de vez em quando é a proprietária da empresa, a senhora Marilda Fortuna, temida entre os pescadores, por ter um pulso forte e uma maneira bem impositiva com os trabalhadores. Quanto aos pertences dos tripulantes, perguntei aonde guardavam, como dormiam; fotografei a panela de café ao fogo num fogão elétrico de uma boca só, posto ao chão na mesma direção da cabine de comando, onde ficam localizados os dormitórios da tripulação.

Notei, durante a observação do ambiente, que eles deram um novo significado aos espaços vivenciados, reorganizaram cada cômodo gerando outras utilidades na embarcação. O dormitório tornou-se a dispensa dos mantimentos da tripulação. Neste espaço, ficam ainda guardados seus pertences – roupas, sapatos, redes, lençóis, telefone, mp4, documentos –, enquanto que do lado de fora ficam as redes atadas onde todos deitam e dormem, recebem as

visitas, fica o material de pesca, a rede de pescar, as agulhas e fios de nylon que tecem as redes e fazem seus devidos reparos, uma mesa na qual usam como apoio nas refeições.

As roupas ficam penduradas do lado de fora numa corda em que lavam e secam ao sol e vento. Não vi banheiro na embarcação, provavelmente as necessidades da tripulação são realizadas diretamente na água. Tem ainda uns recipientes de tampa vermelha e outras de tampas amarelas e outras ainda de tampa verde, local de armazenamento dos suprimentos não perecíveis tais como farinha, arroz, sal e outros itens.

Dentre os itens de sobrevivência o freezer tem destaque, pois é essencial para a conservação de gelo, de carnes de caça, peixes, calabresa e outros alimentos. Toda embarcação tem um freezer, ligado ou não, funcionando ou não.

A embarcação maior, de cor marrom, preto, cinza e branco, local da entrevista de Álvaro e seus colegas tem registro marítimo de Cayenne, chamada de *Le Roubort Fortuna*. Funciona como uma espécie de escritório do proprietário por ser um espaço seus funcionários, onde dialogam, realizam-se os pagamentos, guardam as mercadorias adquiridas, compram e armazenam os suprimentos, embarcam e desembarcam o pescado e seus derivados. É basicamente o lugar de repouso, descanso, reparos, enquanto que a embarcação menor, de cor vermelha e amarela, é onde Álvaro trabalha efetivamente. De menor porte, comporta apenas três marinheiros, tem um freezer na frente, redes dos lados, na lateral e atrás do barco, assim como alguns recipientes com mantimentos.

Quando viaja a trabalho vai na embarcação menor, a *Le Rapide*, passam de três a quatro dias em alto mar. Tem um freezer grande na frente, as redes de pesca postas atrás, no chão do barco. É nessa embarcação que o trabalho acontece. Faça chuva, faça sol, eles vão ao mar. O que poderia impedir a realização de seus trabalhos seria o lançamento de foguetes, que hora sai de Kourou, hora de Sinnamary, a mais nova base de lançamento de foguetes da Guiana. Em média são lançados um foguete a cada mês.

O que realmente muda a rotina deles é quando há lançamento de foguetes em Kourou ou Sinnamary, pois nessa ocasião, caso estejam em terra, devem aguardar a liberação da marinha francesa e Gendarmerie para zarparem, ou caso estejam em alto mar são convocados a retornar ao cais até segunda ordem.

Durante o lançamento do foguete, fragmentos da aeronave são dispensadas no mar, podendo causar algum dano em quem estiver ao seu alcance. Por segurança, as autoridades impedem o deslocamento por terra, mar e espaço aéreo durante esses eventos. Isso, para que não aconteçam acidentes marítimos, bem como para evitar qualquer tentativa de ataque

terrorista que impeça o lançamento do projétil ao espaço. Impedem todo e qualquer tráfego nessas localidades, condicionando à certas restrições as atividades trabalhistas dos brasileiros na região, em especial a pesqueira.

Na Guiana, o seu irmão mais velho o trouxe para trabalhar em Kourou, permanecendo por apenas um ano de contrato determinado. No último dia 10/02/2017, por volta das 16h20min, desloquei-me novamente a ponte do pescador no intuito de localizá-lo, mas soube que estava de férias no Oiapoque.

A *Porte de Chinois* é mais uma extensão do Mercado de Peixe, do *Marché Municipale* e do *Chantier*. Nota-se um movimento constante rumo à porta do China, como é popularmente conhecido, um ponto de encontro, lazer com os amigos, para relaxar e conversar. É tipicamente um espaço ou momento reservado para os adultos. Isso porque é um ambiente improvisado, reservado aos trabalhadores – pedreiros, carpinteiros, mecânicos, feirantes, pescadores, etc.

A conversa entre eles é restrita, condicionada aos maiores de 18 anos. O China já se prepara para receber o público – põe as bebidas (Heineken) para gelar, repõem as prateleiras, os tira-gostos: queijo-branco, azeitonas, fritas, salame, etc., e aguarda a correria começar conforme as horas avançam.

Mas o que salta aos olhos são os lugares enquanto área de lazer e o público alvo, diferentemente de um bar tradicional, de um *minibox* do norte brasileiro ali não tem mesas, nem cadeiras, nem garçom, tão pouco som ambiente, nem banheiros personalizados. Ou seja, não se caracteriza como um bar ou equivalente, nem tem autorização para funcionar como um, mas também não há impedimentos oficiais que proibam os consumidores de realizar tal ação.

O público compra os itens de seu interesse para suprir suas necessidades a fim de usufruírem na calçada, na rua, dentro dos carros ou ao redor deles, sobre a moto, em cima da bicicleta, enquanto que o *China*¹⁰ cumpria suas obrigações. O Sr. Roberto Monteiro de Sá (*Panga*), de 70 anos, natural de Chaves-PA, divorciado, três filhos, aposentado por tempo de trabalho na Guiana, informa:

Ao chegar à Guiana, na década de 1960, o primeiro comércio que avistei no Kourou Velho, fora exatamente o China do *Vieux Bourg*, onde os trabalhadores desciam para tomar umas pingas e extravasar com os amigos depois de mais um dia de trabalho pesado debaixo do sol ou da chuva no mato, dentro de túnel, de lago com cobras, enterrado na lama (Roberto, Kourou, março de 2016).

¹⁰O China: É um ambiente privado, um ponto comercial, regido pela legislação do Comércio Europeu e local.

Relatos de um brasileiro que reforçam a cultura de se beber na *Porte du Chinois* não é uma prática recente, mas é um hábito que se perpetua por décadas de geração a geração. Quanto ao público estimado, já mencionei os trabalhadores, mas destaco que atualmente, percebe-se a participação das mulheres e algumas crianças – público teoricamente avesso a este ambiente.

As mulheres, geralmente, acompanham diretamente os seus companheiros. Outras, são mães solteiras, que vão aventurar mais uma paixão na porta do China e quem sabe conhecer o futuro pai de mais um filho. Outras ainda, como não tem com quem deixar os filhos mais novos, precisam levar consigo para mais um passeio pela cidade.

Os processos mais rápidos de inserção econômica, social, cultural, são encontrados, por todo e qualquer migrante, exatamente na tarefa do trabalho. É a partir dessa conquista que seus anseios, sonhos, planos e ambições são alimentadas, realizadas, efetivamente concretizadas.

O capitalismo global conseguiu inventar, em meio aos direitos do trabalho, trabalhadores sem direitos. Processo para aceitação e a inserção de mão de obra nas fronteiras transnacionais, impondo novos padrões gerais e privados de acumulação de capital (TEDESCO, 2006).

Francisco Camargo Gouveia (*Baixinho*), de 54 anos, maranhense, mecânico, divorciado, chegou à Guiana, na década de 1980. Portando apenas uma mochila nas costas, dormia no interior de um *Chantier* (obras de construção), por longos meses e vagava pelas ruas de dia atrás de trabalho. Segundo ele, houve uma situação marcante que representa bem o significado de morar no exterior sem a documentação necessária:

Houve um dia (1989) em que estava com muita fome, enquanto eu vagava pelas ruas sem rumo, nem direção certa, parei cansado de tanto andar pelas ruas do *Vieux Bourg* (Kourou Velho), e deitei debaixo de uma mangueira para descansar à sombra da árvore, naquela tarde ensolarada, enquanto apanhava alguns frutos para me alimentar e poder enganar a fome que me consumia, um brasileiro me expulsou da calçada, e disse que eu não tinha que ficar ali, sujando a rua, com a minha cara de forasteiro, clandestino, brasileiro fajuto, morto de fome. Eu respondi que não era bandido não, só queria comer, descansar e um emprego para me manter na vida. E assim fui embora, contar com a ajuda de outros, senão brasileiro, para me dar uma oportunidade (Francisco, Kourou, dezembro de 2016).

Francisco conta num tom reflexivo que fora expulso da área por um conterrâneo, um brasileiro como ele. Por isso ele não esperava. Pensava que fora do Brasil teria uma chance de ser alguém longe de sua terra natal, haja vista que não estava sendo valorizado enquanto ser humano, enquanto profissional.

Apesar das dificuldades enfrentadas ao longo dos anos por ele, por meio de muito trabalho, dedicação, flexibilidade profissional, conseguiu vencer na vida. Hoje, o mesmo possui a segunda autorização, a tão sonhada carta de identidade nacional, com permissão de residência e trabalho de 10 anos, bem como *Carte de Artisan*. É proprietário de uma oficina mecânica, localizada no bairro de invasão Pecat 03.

É pai de um menino de sete anos. Ajuda a sua família no interior do Nordeste. Orgulhosamente afirma ser um vencedor: “Graças a Guina Francesa sou hoje quem sou e se posso dar um futuro melhor do que o meu ao meu filho, fora com muito trabalho, dedicação, esforço, aproveitando as oportunidades e claro, muita fé em Deus”.

Conclusão

Neste artigo, priorizei analisar as dinâmicas de inserção laboral e sociocultural dos brasileiros em Kourou partindo da migração, de posse dos dados obtidos em campo, assim como a leitura de pesquisadores na área, fontes que mostram o deslocamento compulsório de migrantes para a Guiana sem o visto exigido pelo governo francês, fato que aumenta consideravelmente as disparidades entre os grupos coexistentes, os nativos e os próprios migrantes residentes.

Todavia, a inserção econômica destes migrantes se deu pelo trabalho, pois a partir desse, seus planos iniciais foram materializados. Entretanto, para inserir-se culturalmente há uma busca maior, um longo caminho a percorrer, pois construir uma relação de proximidade, afetividade, através de relacionamentos firmados entre os pares, sejam eles conterrâneos ou não demora um pouco mais.

Em suma, as disparidades ocorrem pelo tempo de permanência no local, haja vista que para aqueles que chegaram há mais de 20 anos na Guiana, os atuais documentados, obtiveram direitos sociais tendo acesso a compra de bens – como casa, carro, emprego fixo, enquanto os recém-chegados ou indocumentados buscam outras formas de inserção local, por meio dos filhos nascidos nas cidades francesas. Outros se casam com franceses ou assumem filhos destes para conseguir os documentos de moradia, ainda que provisoriamente, com a finalidade de garantir a permissibilidade para trabalhar, ter acesso ao seguro social e atendimento nos hospitais.

Nestes casos, os migrantes devem apresentar, periodicamente, às autoridades francesas, provas de que ainda estão trabalhando no país e se já aprenderam ou estão estudando a língua local. Caso não preencham essas e outras exigências, o documento de residência no país não

deve ser renovado e a pessoa volta a ser indocumentada podendo ser expulsa a qualquer momento.

De posse desse pressuposto, afirmo que a migração gera um novo tipo de convívio entre os brasileiros em Kourou, tal fato pode ser observado pelo tratamento entre si, pela organização das manifestações culturais tipicamente brasileiras, como as festas juninas ou Carnaval.

Quanto aos pontos de encontro para o lazer são também diferenciados entre os brasileiros e guianenses. Através das observações até agora realizadas, foi possível distinguir entre os brasileiros residentes, quer documentados ou indocumentados, conjuntos de perspectivas e sonhos. Há aqueles cujos sonhos são eminentemente econômicos. Outros estão na Guiana para obterem um sustento e um padrão de vida que jamais conseguiriam no Brasil, pelo seu baixo nível educacional e ganho salarial. Já alguns grupos de brasileiros não possuem um projeto de vida bem definido e a maioria acaba por gastar o pouco que lhes resta em dinheiro no final do mês, repetindo o ciclo de empobrecimento a que estavam acostumados no Brasil.

Uma parcela dos migrantes documentados que escolheram a Guiana para residir viu a possibilidade de construir algo a mais, sendo este um mobilizador de cultura, em sua trajetória faz uma constante troca seja simbólica ou material, pois deixa um pouco de si nas representações sociais e deixa para trás produções culturais, agregando traços do lugar, das pessoas e dos objetos que encontram no caminho.

Para os brasileiros residentes em Kourou, viver numa constante *barrage risqué*¹¹ é corriqueiro, manter-se firme diante das portas esperando que se abra diante deles é fundamental para a permanência de uma geração que aprendeu a esperar com paciência na porta da prefeitura a sua vez de se aproximar dos franceses.

Para os entrevistados, a história migratória demonstra as contribuições dos brasileiros à Guiana. Mesmo sendo desvalorizados pelos franceses, os seus trabalhos, no que diz respeito às pilastras do Centro Espacial Guianense de Kourou, aos bairros *Manerville, les Roches*, aos telhados instalados nos apartamentos e casas, aos cabos elétricos da Ponte Binacional, demonstram as marcas e influências brasileiras.

A estruturação espacial, a cultura diversificada, as mais variadas línguas e costumes, os inúmeros significados que a Guiana nos remete leva-nos a estudá-la. Pesquisar os espaços públicos e as pessoas que os compõem a torna cada vez mais atrativa. Quanto mais observamos, mais buscamos compreender sua composição.

¹¹*Barrage Risqué*: Termo traduzido como “barragens arriscadas”, muito utilizado para descrever os atuais conflitos sociais entre a população local e as autoridades francesas. Gerando o bloqueio físico e populacional dos principais pontos de entrada da Guiana Francesa. Fato ocorrido no último dia 17 de março de 2017.

O que essas mediações, espaços, lugares, pessoas, objetos tem em comum? O que os interliga ao ciclo do carnaval, ao mercado municipal ou feira, à ponte do pescador? Ambos se ligam, se tocam, se conectam na mesma avenida General de Gaulle, no *Vieux Borg*, Kourou Velho, percebo-os como braços do mesmo rio. Nesta avenida, os pescadores trazem o pescado que alimentam as famílias locais, sendo vendidos no mercado de peixe como na feira, junto do cheiro verde tucupi, e farinha de mandioca. Em frente a feira concentram-se as escolas de samba que irão desfilar pela cidade, levando o Diabo para queimá-lo na praça do bombeiro, conduzindo as pessoas ao festejo que mais parece uma procissão religiosa.

Para finalizar este trabalho, mas sem concluir a tarefa de pesquisar a sociedade brasileira, faço minhas as sabias palavras de Fernando Sabino:

De tudo ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de eu era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Para concluir esta meta seria necessário, fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro.

REFERÊNCIAS

AROUCK, Ronaldo de Camargo. s/d. **Brasileiros na Guiana Francesa: Fronteira e Alteridades**. Belém: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Ed. NAE/UFPA, 2001.

_____. **Brasileiros na Guiana Francesa: Novas migrações internacionais ou exportação de tensões sociais na Amazônia?** Belém. Artigo Científico. Pag. 67-78, UFPA, 2001.

CASTRO, Edna; Hazeu, Marcel. **Cidades, fronteiras transnacionais e migração na Pan-Amazônia**. *Somanlu*, ano 12, n. 2, jul./dez., 2012.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e GONÇALVES, Renata de Sá [Org.]. **Círculos da cultura popular**. Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. PPGSA/IFCS/UFRJ. 2010.

_____, Maria Laura Viveiros de Castro e VILHENA, Luíz Rodolfo da Paixão. **Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a Marginalização do Folclore**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.3, n.5, 1999, p.75-92.

CLEAVER, Ana Julieta Teodoro. **Imigração brasileira e surinamesa na Fronteira Ultraperiférica da União Europeia: Uma análise sobre a imigração e o processo de construção da nação na Guiana Francesa**, 2005. (Org.) Denize Fagundes. Cartografias da imigração: interculturalidade e políticas públicas. Ed. UFRGS, 2007.

_____. **“Ni vue, ni connue”: a construção da Nação na Guiana Francesa**. Brasília: Tese de Mestrado em Antropologia Social, UnB, 2005.

DAMATTA, Roberto da. **A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**/ Roberto DaMatta. - 5. ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**/ Roberto DaMatta. – 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ENSEE–INSTITUTO NACIONAL (FRANCES) DE ESTATISTICA E ESTUDOS ECONOMICOS. Edição, ano. 2012, 2014, 2015, 2016.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. In: Geertz, Clifford. *A interpretação da cultura*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1973], p.01-61.

MARTINS, Carmentilla das Chagas. **Relações Bilaterais Brasil-França: a nova perspectiva brasileira para a fronteira Amapá-Guiana Francesa no contexto global**. 2008. Dissertação Mestrado Em Ciências Sociais. UnB. Brasília/DF.

PINTO, Manoel de Jesus de Souza. **A vida no limite: atividades ilegais, migração irregular e direitos humanos na fronteira entre o estado do amapá e a Guiana Francesa**. *PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais UNIFAP*. n. 1 dez., 2008.

TEDESCO, João Carlos e BERTAGNA, Frederica. **Dimensões e horizontes do atual fenômeno migratório internacional**, 2008.